ANO VI — 27 DE FEVEREIRO DE 1937 — N.º 140

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERARIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO — **Editor: J. A. SILVA COELHO**

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 81757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | **Redacção, Administração, Composição e Impressão:** CALÇADA DA AJUDA, 176 — LISBOA

CONSTA-NOS já estarem alugadas tôdas as lojas do Bairro que deitam para a Travessa da Boa-Hora. Ainda bem que tal se verifica, pois segundo bons informes, parte dêsses estabelecimentos destinam-se à venda de produtos agrícolas, peixe, etc. Isto, já é alguma coisa, pelo menos emquanto o Mercado não fôr construido, e já as donas de casa ali podem adquirir os artigos que só longe alcançavam.

No próximo número, daremos mais pormenores àcêrca dêste melhoramento.

PARTIU na passada quinta-feira para a Alemanha, o engenheiro sr. Coelho da Fonseca, que se dirige àquele país a fim de proceder à escolha do material circulante destinado à «Cooperativa Auto-Mecânica», importante organisação, que já conta alguns milhares de acionistas, e que muitos benefícios vai oferecer aos associados e suas famílias.

POR absoluta falta de espaço, somos forçados a reter bastante original, de entre êle, uma interessante análise ao discutido livro «Vida conjugal», de que é autor o nosso ilustre amigo Ex.mo Sr. Dr. Gaspar Simões.

Aos nossos estimados colaboradores apresentamos as nossas desculpas, prometendo inserir as suas crónicas no próximo número.

NA capital de Transilvania foram atacados de raiva todos os componentes de uma tribu de ciganos, num total de 111 pessoas. Quando algumas destas sentiram os primeiros sintomas do terrível mal, a caravana foi tomada de pânico, o qual se comunicou anteriormente à cidade de Cluy.

O acampamento foi cercado pela polícia e todos os ciganos foram levados para o hospital. Não se pode explicar a tragédia. Há quem diga que toda a tribu comeu carne de um animal hidrofobo; outras pessoas pretendem que um dos ciganos, mordido por um cão raivoso, contagiou todos os outros.

O PROBLEMA DA AGUA

Ausente por mais de dois anos desta freguesia de Ajuda, dando aqui raras e curtas assaltadas, a ela volto de novo para uma permanência de alguns mêses.

De supor seria encontrar agora importantes melhoramentos, que aformoseando o sítio, trouxessem regalo aos seus moradores. Mas nem êstes, nem mesmo a realização de pequenas obras, que não oferecendo grande estética, trariam a comodidade a alguns pobres empregados e benefício ao público, encontro.

Está neste caso o expedidor da Companhia Carris, que continua a ter por barraca onde se acoitar da chuva, o vão duma escada, e quando faz sol, para descançar as pernas, um môcho no passeio, cedido pela generosidade de um visinho. Dois passos adiante, no mesmo passeio, um pobre vendedor de água fresca e pevides, ostenta a sua mercadoria sob um pequeno toldo.

Ha muito tempo foi aqui ventilado o caso do expedidor da Boa-Hora, mas nem a Companhia nem a Camara fizeram o mais pequeno reparo, e ficou tudo como dantes!

Entre os problemas de maior actualidade e urgencia para a freguesia de Ajuda, é fora de duvida o problema das águas.

Como já terminou o período da 2.ª fase das obras determinado no contracto realizado em 31 de Dezembro de 1932 entre o Governo e a Companhia das Aguas, em que esta devia melhorar e ampliar a canalisação de destribuição, e a freguesia de Ajuda se viu privada de água, êste problema tomou nova importancia.

Tive ocasião de analisar rápidamente neste periodico, em diversos numeros dos meses de Fevereiro, Maio, Junho e Julho de 1933, o contracto firmado na data atraz referida entre a Companhia das Aguas e o Governo, sendo ministro das Obras Públicas e Comunicações o moço e ilustre engenheiro Duarte Pacheco.

Antes de recordar algumas das minhas palavras de então, que o correr dos tempos mostraram serem perfeita-

(Continua na página 8)

Foto-Cinema

RETRATOS DE ARTE
PREÇOS POPULARES
As mais sugestivas posições e deslumbrantes efeitos de luz, dentro e fóra do atelier

A mais rigorosa execução de todo o género de fotografia

Ampliações de retratos antigos e modernos e esmaltes vitrificados em todas as côres.
6 FOTOGRAFIAS, FORMATO PARISIENSE, 10$00 RECLAME — 1 CINEFILO 18×24, 5$00.
RETRATOS PARA PASSE E OUTROS DOCUMENTOS, Duzia, com brinde. 5$00
Grande sortido de molduras em todos os formatos. Oferta de uma artistica ampliação, em côres naturais, aos nossos clientes

Só na FOTO CINEMA, Rua do Sacramento, 26, 1.º

EXECUTAM-SE TRABALHOS PARA AMADORES

ENCONTRA-SE felizmente melhor do ferimento que sofreu por causa do desastre de automóvel ocorrido na terça-feira, 23, na estrada de Sintra, o sr. Coronel Americo Bivar de Sousa, primo do nosso presado amigo e ilustre colaborador dêste quinzenário, Sr. Coronel Ant.º Bivar de Sousa.

REALIZOU-SE há dias, na igreja da Boa-Hora, o enlace matrimonial da sr.ª D. Deolinda Sequeira Cardoso, prendada filha do sr. Joaquim Cardoso, com o nosso amigo sr. António Ribeiro e da sr.ª D. Gertrudes Ribeiro. Apadrinharam a cerimónia, por parte da noiva, o sr. Manuel Vasques Camacho e a sr.ª D. Clementina Alves David, e do noivo o sr. Manuel Pereira Ribeiro e a sr.ª D. Isaura Rocha Alves.

Aos noivos, possuidores de excelsas qualidades morais, apetecemos uma perene lua de mel.

ESTÁ em organização o «Grupo Desportivo e Recreativo do Pessoal da Imprensa Nacional de Lisboa», constituindo a sua comissão organisadora, os gráficos Alexandre Rosado, Celestino Simões, João Loureiro dos Santos, Joaquim Canhão, José Maria da Cruz, Martiniano Domingues Junior, Ramyro Farinha e Raúl Cartaxo.

A sua sede fica na Rua da Imprensa Nacional, num amplo edifício, dispondo de bastantes salas e destina-se além da parte recreativa e desportiva, à criação de aulas de português, francês e inglês.

Atendendo ao valor desportista de alguns empregados do modelar Estabelecimento do Estado, é de crer, que dentro de pouco tempo, o organismo agora em organização, marque lugar de destaque.

EFECTUA-SE hoje pelas 22 horas na delegação do Clube de Futebol «Os Belenenses», à rua de S. Pedro de Alcântara, 45, a anunciada festa de homenagem à Imprensa e que será abrilhantada pela esplendida Orquestra-Jazz «Os Aguias».

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES
Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio
Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)
TELEFONE 81207

Farmácia Mendes Gomes
Director técnico — JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Quimico
CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.mos Srs. Drs.
VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4.as feiras ás 9 h.
Serviço nocturno às sextas-feiras
Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. 81456

MORTOS SAUDOSOS

Francisco Mendes Gomes

Estava indicado que a seguir a um médico, se homenageasse um farmaceutico. O que não estava indicado era que fôsse eu, simples rabiscador e fraco estilista, sem habilitações para dourador de molduras para retratos, que me abalançasse a escrever a biografia de Francisco Mendes Gomes, com quem não tive a honra de ter grande intimidade.

Atrevi-me a supôr um apreciador justo que dissesse o devido a respeito de Francisco Mendes Gomes, e por isso, de boa fé e com verdade, sem intuitos de bajulação, (que não estão nos nossos hábitos), direi o que julgo saber da sua vida limpa e sem mácula.

Se não obteve a auréola que imortalisou o Dr. Alves de Sousa, não deixou todavia de gosar fóros de bôa pessoa e de não ter quem chorasse a sua perda.

E' que o Sr. Gomes da Farmacia, como vulgarmente o conheciam, era pessoa de boa educação e consciente do seu mister.

Nascido em Barrancos, pequena vila do Alentejo, situada numa região desolada, a menos de um quilómetro da fronteira espanhola, foi principiar a sua vida profissional em Moura, outra vila alentejana — mas esta alegre e clara, no meio de olivêdos e montados — na farmacia Mendes, que era pertença de um seu parente.

Pouco depois, em 1890, empregou-se na farmacia da Casa Real, que ao tempo existia no Palácio da Ajuda.

Trabalhando e estudando, completou o seu curso em 1893, empregando-se após isso na farmácia de António José da Costa, que funcionava na casa onde hoje está a loja de fazendas do nosso amigo Américo H. Dias, e onde tinha estado a botica do Guedes, homem inteligente e bemquisto, mas muito galhofeiro. Dele se contam interessantes anedotas, que um dia reproduziremos, se nos fôr permitido.

Era nessa botica, que Rodrigo Felner, Rebelo da Silva e outros vultos de destaque nas letras e na politica, descansavam quando, aos sábados, aí por meados do século passado, depois de se apearem no principio da Calçada da Ajuda, do omnibus, que saía de hora em hora do Pelourinho, se dirigiam a casa de Alexandre Herculano,

no Largo da Tôrre da Ajuda, onde iam cavaquer com o Mestre.

Deixamos essas velharias e vamos seguindo a biografia do nosso homenageado.

Em 1898 mudou-se a farmácia Costa para defronte, para a casa onde hoje está a Farmácia Mendes Gomes, à esquina da Rua da Bica do Marquez, mas então ainda em casa abarracada, tomando Francisco Mendes Gomes a sua direcção técnica, como societário. Até que, dois anos depois, em 1900, era seu proprietário.

Tem graça, que tendo eu vindo para a Ajuda no mesmo ano em que aquele senhor veio, foi também em 1900 que me estabeleci por conta própria, mas em profissão mais modesta e mais ingrata.

Meia duzia de anos depois ampliava a propriedade, tornando a farmácia um estabelecimento modelar, e constituía família com uma Senhora de preclaras virtudes e iguais sentimentos, pelo que os seus descendentes são, como não podiam deixar de ser, pessoas de bem.

Algumas vezes o importunei com pedidos, nanja para mim, para outros, tendo sempre sido atendido, sem a mais leve objecção.

Mas a morte, essa malvada Parca, que não perdôa a ninguém, e que ceifa as vidas quando quere, levou-o mais cedo do que devia, em 1927, há dez anos, contando apenas 56 de idade.

O seu funeral foi uma grandiosa manifestação de sentimento popular.

Está depositado em jazigo de familia, no Cemitério da Ajuda, próximo do Dr. Alves de Sousa. Não podia ter melhor companhia. Eram dignos um do outro.

Descansem em paz, que bem o merecem.

Francisco Duarte Resina.

GEWIROL
é a marca da magnifica máquina fotográfica que a
Gráfica Ajudense, L.da
Calçada da Ajuda, 176, vende em prestações de 7$50 semanais com bonus
Vendem-se peliculas e outros artigos fotográficos e aceitam-se trabalhos de amadores

LIBREIRO, L.DA
Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone 81427
LISBOA
Géneros alimenticios de primeira qualidade
Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mêsa
LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas
SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA
Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos
R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. 81496

PALATINO

Rua Filinto Elisio
(Alto de Santo Amaro)
TELEFONE 81099

Espectáculos todos os dias
Matinées aos domingos e feriados

O melhor, o mais amplo e o mais confortável cinema da parte ocidental da cidade

O público prefere o Palatino que continua marcando como um grande cinema que corresponde, em tudo, às exigencias do público que paga e quer ser bem servido: confôrto, socêgo, bons programas e preços módicos.

Sábado, 27 e Domingo, 28: As magnificas e surpreendentes super-produções

Castelo na Flandres, A voz da selva e O Carnaval no Palatino

com Martha Eggerth — com Harry Piel — Filme tirado às creanças

FILMES A EXIBIR NESTE CINEMA

Dias 1 e 2 de Março: *Nos mares da China* e *Viva o descanço.*
Dias 3 e 4: **Czardas** e *O barão cigano.*
Dias 5, 6 e 7: **Pasteur** e *A vida dum estudante pobre.*
Dias 8 e 9: **Soldado profissional** e *Tortura dum pai.*
Dias 10 e 11: *Caprichos de milionario* e *Ricardito reporter fantasma.*
Dias 12, 13 e 14: **O grande Ziegfeld.**

Imediatamente a seguir: As melhores produções da temporada

A todas as senhoras que requisitarem nêste jornal ou no Palatino, serão distribuidos cartões de convite, os quais concedem 50 % de desconto em todos os espectáculos dos dias úteis e matinées de domingos e feriado.

Frequentar o Palatino, é manter no alto de Santo Amaro um cinema que é o orgulho de todos os habitantes da parte ocidental de Lisboa

Competidora Ajudense

Calçada da Ajuda, 189 a 193

Américo Convida todo o povo do nosso bairro a visitar a sua exposição Inaugural da Epoca da Primavera, que terá lugar em 28 do corrente e todos os domingos seguintes, onde a par do nunca igualado sortido, apresenta um formidavel e útil brinde, que será designado O BRINDE DA PASCOA, que será oferecido como prova de reconhecimento.

GRANDES NOVIDADES — GRANDES UTILIDADES — O SORTIDO MONSTRO DA AJUDA — A MAIOR ORGANIZAÇÃO E O MAIOR ARROJO COMERCIAL PREÇOS DE GRANDE COMBATE COMO SEMPRE

Américo Agradece reconhecidamente ao dignissimo público o bom acolhimento e a preferência que tem dispensado à COMPETIDORA AJUDENSE, que é em boa verdade a casa de todos os ajudenses.

GRANDE SORTIDO EM MATERIAL ELECTRICO E EM SURPREENDENTES CANDIEIROS DE TECTO E DE MESA

CASA BELMIRA

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS, — A PREÇOS BARATISSIMOS —

Tinge e transforma. Tem sempre as últimas novidades. Aplicações nacionais e estrangeiras
Grande sortido em feltros e boinas

Rua Coronel Pereira da Silva, 15 (Bairro Económico da Ajuda)

Excursão

A realizar em 11, 12 e 13 de Julho de 1937, promovida pelo nosso quinzenário, visitando:

Vila Franca de Xira, Santarém, Torres Novas, Abrantes, Castelo Branco, Covilhã, Manteigas, Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital, Santa Comba Dão, Luso, Buçaco, Penacova, Coimbra, Lousã, Pedrogão Grande, Tomar, Fátima, Batalha, Alcobaça, Nazaréth, S. Martinho do Porto, Caldas da Rainha, Praia de Santa Cruz e Mafra.

Peça um prospecto explicativo e faça a sua inscrição, que se encontra desde já aberta, na

Gráfica Ajudense, Limitada
Calçada da Ajuda 176 Telefone 81757

RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais de 5$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreva-se desde já na
RELOJOARIA
DE
Albano Machado
C. da Ajuda, 162 - Telef. 81236
LISBOA

Se quereis fazer as vossas compras em bôas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. 81551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. 81552 (antiga Mercearia Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita àqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA PAPELARIA com grande sortido de Tabacaria Perfumaria Livraria Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. 81757

2$50

é o preço por que a Gráfica Ajudense Ltd. vende uma caixa de oito resmas papel para carta com 50 folhas e envelopes, todos interiormente

Verdade e pechincha!

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDA

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.DA

Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183

LISBOA

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE

AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

CARNAVAL LISBOETA

(*Continuação*)

O que sempre caracterisou o carnaval nos nossos teatros, foi a desenfreada turbulência, por parte dos espectadores, que não só perturbava os artistas, como impedia de serem ouvidas na sala as suas palavras. Por entre um vozear confuso e gargalhadas estridentes, eram arremessados para o palco os mais variados projécteis, e os actores, alvos de atroz tiroteio, mutilavam as peças, tornando-as quási incompreensíveis, na ânsia de se subtraírem o mais depressa possível às consequências de semelhante batalha.

Não há ainda muitos anos, que uma das nossas mais gentis actrises, atingida num ôlho por qualquer objecto que fortemente a contundiu, desfaleceu em pleno palco, sendo necessário descer o pano e interromper, por boa meia hora, a representação.

Nem por ser o teatro da *élite*, S. Carlos estava ao abrigo das brincadeiras incómodas em uso nas outras casas de espectáculo. Pelo contrário. Teatro particularmente frequentado pela côrte e pelas famílias da primeira sociedade, a rapaziada pertencente à classe elevada distrutava privilégios que a punham a coberto da acção policial, e por isso se julgava no direito de divertir-se pela forma que mais lhe apetecesse. Há sessenta ou mais anos, eram ali jogados de camarote para camarote, para a plateia ou para o palco, os ovos com areia e gêsso, a que já me referi, e também ovos de gema, que nesse tempo custavam apenas seis ou sete vinténs cada dúzia.

Num ano em que as autoridades procuraram restringir o uso de tais projécteis, por nocivos e mesmo perigosos, os estouvados lançaram mão dos pasteis de nata. As pastelarias fizeram bom negócio, e a quem os pasteis afinal amargaram foi ao empresário, pelo que teve de despender com a limpeza de toda a sala.

Emprêsas houve em S. Carlos que, na intenção de proporcionar ao público representações alegres, no Carnaval, organizaram espectáculos verdadeiramente interessantes, que afinal redundaram em notáveis sucessos líricos, tais como a representação do *Duo da Africana* pelos melhores cantores da companhia e, doutra vez, o *Barbeiro de Sevilha*, desempenhando as cantoras os papéis dos homens, à excepção do D. Basílio, e os cantores os papéis femininos.

Também o pessoal do teatro e os próprios artistas algumas vezes participavam em brincadeiras carnavalescas. Assim, em certa terça-feira gorda, uma nota alegre teve a execução do *Fausto*. A parte de Metistófeles era cantada por um baixo russo, homem delgado, mas de desproporcionada altura. Pois quando, no prólogo, à invocação do Fausto, êle surgiu do alçapão, com o seu gôrro de duas plumas, que ainda o tornavam de mais agigantado aspecto, apareceu trazendo ao colo outro *Metistófeles*, em tudo igual, mas tão pequenino, tão pequenino, que o contraste fez explodir em toda a sala uma uníssona gargalhada. E emquanto o Rapp — que assim se chamava o artista — pedia ao velho doutor a alma em troca da juventude, o miudinho bracejava e ria satisfeito de se ver assim enfarpelado e no meio de tanta luz.

Anos antes estivera em S. Carlos um tenor de nome Fancelli, artista possuidor duma voz invulgar pelo volume e extensão. Numa noite de carnaval em que êsse artista tinha de cantar o *Trovador*, os músicos combinaram-se para, no final do 2.º acto, quando Manrico canta o célebre *Corro a salvar-te*, a orquestra, por meio duma modulação ajustada, atacar o trecho um tom mais alto. Fancelli, que tinha aí de sustentar um *dó* de peito, sempre coroado pelo público com estrondosa ovação, ver-se-ia nessa noite certamente atrapalhado, e quem sabe se caíria em desastroso *fiasco*. Pura ilusão! O célebre tenor pareceu até não ter dado pela alteração do tom, e, chegado ao ponto culminante, quando julgavam vê-lo embaraçado, saiu-lhe da garganta privilegiada um *ré* tão vibrante, tão volumoso, tão energicamente prolongado, como o *dó* que fazia a delícia dos *dilettanti* dêsse tempo. E os músicos, embora ludibriados pelo prodígio daquela voz excepcional, foram os primeiros a romper em aplausos ao artista a quem pretendiam fazer partida.

Além dos projécteis contundentes, cujo emprêgo desagradava aos espectadores mais sisudos, assustavam-se as damas e os timoratos com os estalos de diferentes tamanhos e preparados da seguinte maneira: embrulhados num pedacinho de papel de sêda, uma bolinha de chumbo e meia dúzia de grãos de areia fina, impregnados de qualquer substância química que os fazia detonar quando arremessados sôbre uma superfície lisa.

Era também frequente nos teatros haver quem espalhasse no pavimento um pó que provocava os espirros das pessoas próximas, ou surrateiramente despejasse algumas gotas dum líquido que, exalando um cheiro fétido, obrigava os assistentes a taparem o nariz.

O que algumas vezes excitava as gargalhadas, sem prejuízo de maior, era a brincadeira das setas de papel, lançadas dos mais altos camarotes, ou das varandas. Quando bem feitas, pela sua leveza largo tempo se conservavam em evoluções pelo ar, até que, com grande gáudio dos brincalhões, acabavam por espetar-se na ganforina dum espectador das cadeiras, ou caíam de bico sôbre a calva luzídia de qualquer cavalheiro do aspecto conselheiral.

Aos ovos sucederam as *cocotes* — invólucros de papel cheios de areia — e apareceram as bisnagas de água perfumada, cujo abuso, especialmente nos bailes, provocou tantas constipações e resfriamentos, muitas vezes de fatais consequências.

Tôdas essas brincadeiras molestas que se punham em prática nas ruas e nos teatros, foram felizmente desaparecendo, graças à acção das autoridades, que não se limitaram a proibir-lhes o uso, mas foi mais longe, não consentindo até a venda de tudo quanto possa prejudicar o fato e a saúde, como, por exemplo, um célebre pó, a que o vulgo dava o nome de *pó de taco*, e que, em contacto com a pele a irritava fortemente, excitando uma insuportavel comichão que durante algumas horas mortificava as vítimas da estúpida brincadeira.

Actualmente nos teatros os brincalhões não podem ir além do arremêço dos saquinhos com serradura, das serpentinas, que chegam a dar às salas um aspecto interessante, e à chuva de papelinhos de côres (*confetti*), que não molesta nem suja. Não quero isto dizer que os espectáculos decorram com calma e sossêgo. Não, a agitação e turbulência continuam quási como dantes, e pode mesmo dizer-se que a maior parte do público vai nesses dias ao teatro mais para brincar do que para assistir à representação, em geral de peças já vistas e gastas.

Não quero, porém, fechar esta referência aos teatros sem citar uns espectáculos de carnaval que, há perto de trinta anos, tiveram lugar no antigo Teatro do Príncipe Real (hoje Apolo) e que constituíram uma verdadeira excepção no respeitante à turbulência habitual, mostrando ao mesmo tempo o império exercido pelo talento sôbre os espíritos.

Dissidências entre actores e empresários haviam levado para o teatro da Rua da Palma quatro artistas dos mais ilustres de então: Brasão, Ferreira da Silva, Lucinda Simões e Cristiano de Sousa, acompanhados de vários colegas que dignamente os secundavam. Esses artistas representaram

RENUNCIA

Por ARLETE ARGENTE GUERREIRO

DUAS irmãs jovens e lindas, ainda que de belezas diferentes, estavam sentadas num vasto terraço, pertencente a uma velha casa solarenga rodeada de magníficas e frondosas árvores seculares.

Margarida, a mais nova, uma insinuante loira de 18 anos, de grandes e expressivos olhos azuis, seguia interessada e sorridente, um bando de passarinhos, que ora voando na amplidão do espaço, ora pousando nas altas ramadas do arvoredo, enchiam o perfumado ambiente com os seus maviosos gorgeios.

Esquecido no seu regaço, jazia um livro luxuosamente encadernado, e ao qual, a aragem que por instantes corria mais forte, virava e revirava as folhas, sem que Margarida que parecia perdida num doce devaneio, parecesse dar por isso.

Maria Helena, mais velha do que a irmã dois anos apenas, tinha a iluminar-lhe as faces morenas e carminadas, dois olhos muito negros e muito belos que naquele momento se fixavam melancolicamente num determinado ponto, emquanto os lábios frescos e rubros se entreabriam num sorriso triste, quási doloroso.

O sol já no ocaso, punha manchas avermelhadas no azul do céu, tornando o entardecer dêsse dia de outono de uma beleza rara.

O quadro que as duas raparigas formavam nêsse artístico cenário, era de molde a tentar um grande pintor.

Subitamente o silêncio que ali reinava, foi quebrado por uns passos que soaram levemente no pavimento da estrada para onde deitava essa parte do terraço, e que despertaram Margarida do seu devaneio. Como se debruçasse um pouco na varanda, os seus olhos encontraram-se com os olhos do passeante — um rapaz de vinte e cinco anos, alto e bem formado que a envolveu num terno e demorado olhar. Emquanto êle se afastava lentamente, como se lhe custasse abandonar aquele local, Margarida que feliz e ruborisada o seguia com o olhar, murmurou instintivamente: — Como é simpático!

— A quem achas simpático, Guida — preguntou Maria Helena, a quem a exclamação de Margarida fizera voltar bruscamente à realidade.

A esta pregunta da irmã, Guida, ainda mais se ruborisou, mas olhando para ela com ar garoto retorquiu:

— E' muito curiosa a senhora minha irmãsinha... — mas logo mudando de tom e quási com gravidade acrescentou:

— Não quero, nem devo ter segrêdos para ti, Lena. Demais, quem melhor do que tu, tão boa e ajuisada me poderá aconselhar?

Maria Helena atraiu a si a loira cabeça da irmã, e murmurou, emquanto a beijava enternecidamente:

— Vamos então a os segredos da minha linda irmãsinha!

— Escuta, Lena — Margarida. — Há pouco tempo ainda essa palavra que eu ouvia pronunciar constantemente, não tinha o meu coração o mínimo significado. Mas num mo todo mudou. Lembras-te do Fernando, o primo da Cecília, que encontrámos na última reunião da tia? Pois bastou fixarem-se em mim êsses olhos negros fundos como dois abismos, e ouvir a sua voz de entões ora graves, ora ternas, para que o meu coração despertasse para o amor.

Ouvindo estas palavras Maria Helena fez-se intensamente pálida e olhando mã — que toda entregue à alegria de amar, não reparava na profunda alteração do seu rosto — murmurou num algo doloroso:

— Também tu?!...

— Também eu o quê? preguntou Margarida estranhando a pregunta e em que fôra feita.

— Nada Guida... que apenas dizer que também para ti, tão criança e inocente, a hora do amor havia soado!...

Se Margarida não estivesse tão preocupada consigo própria, teria notado que a irmã tremia de comoção e nos olhos negros cintilavam extranhamente, duas lágrimas oscilavam prestes a deslizarem-lhe pelas faces pálidas.

Mas, Maria Helena, vencendo a comoção, e não deixando suspeitar a rude dôr que se travava no seu íntimo, cingiu mais a si a irmã e aparentemente calma, pediu-lhe:

— Guida, minha irmã, bem sabes como te quero, e te desejo ver feliz. Dize com franqueza: Falaste com o Fernando em partir? E êle... ama-te?

— Sim, Lena, falei. Ama-me ainda não te confiar êste segrêdo. Se me amasse algo que sim... Mas ouve:

— Quando a tia Ema nos apresentou, êle apenas me dirigiu um cumprimento delicado e quási indiferente. Só voltei a vê-lo dias depois, em casa da Maria Cecília, quando tu, sempre boa e compassiva com os sofrimentos alheios, acceste generosamente a ir tratar na sua doença a filhinha dos nossos caseiros. Fernando, mostrou-se muito gentil e atencioso, o que contrastou com a sua atitude no nosso primeiro encontro. Depois voltei a vê-lo algumas vezes, até que êle um dia me confessou o afecto que eu lhe tinha inspirado, confissão que me encheu a alma de felicidade!

A conversa das duas irmãs, foi nesta altura interrompida pela sineta que chamava para o jantar. Maria Helena ergueu-se e passando o braço à volta da cintura da irmã, terminou:

— Tem confiança, Guida, que velarei por ti, e serás feliz prometo-te!

Um suspiro — logo abafado por um alegre beijo de Margarida — saíu dos lábios de Maria Helena, que transpôs rápidamente a porta dos seus aposentos, e sufocada por soluços, havia tanto tempo reprimidos, caíu de joelhos aos pés da Virgem, e volvendo para ela os lindos olhos embaciados de lágrimas, concentrou-se na oração — o único refúgio das almas amarguradas — e os seus lábios trémulos e exangues, deixaram ouvir estas palavras, entrecortadas por dolorosos soluços:

— Virgem Maria, dôce mãi dos aflitos, dai-me a coragem para renunciar ao sonho que a minha alma tão alto elevou. Fazei feliz a minha inocente irmã, embora à custa do meu sofrimento, e que ela nunca, nunca lhe suspeite a causa!

Quando momentos depois Maria Helena se ergueu reconfortada pela oração, nos seus formosos olhos não haviam vestígios de lágrimas, mas no seu rôsto meigo e lindo como o de uma santa, havia a sublime resignação dos mártires!...

* * *

Anos depois, naquele mesmo terraço onde Guida lhe confessara o seu segrêdo, Maria Helena, cosinava um sobrinho a ler.

Perto dela, Fernando, seguia-lhe os movimentos, entusiasmado ao ver os progressos do filho.

— Que paciência a sua, Maria Helena! Confesso que à sua paciência, o seu carinho sempre vigilante, a sua ternura pela Guida, grangearam a minha grande estima, a minha imensa admiração!... Tão grande como o amor que dedico a minha querida espôsa.

E dizendo isto, Fernando, tomou-lhe as mãos, beijando-as com fervôr.

— Maria Helena é a santa padroeira desta casa que não quiz nunca abandonar..

Lágrimas de sincera comoção orvalharam os olhos de Maria Helena que na oração da noite agradeceu à Virgem, o prémio da sua *renúncia*.

Quantas vezes uma sincera estima compensa um grande amor!

Nova Padaria Taboense

DE

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. 81656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fazenda, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE 81456

nas noites do carnaval algumas das peças que eram para êles notáveis corôas de glória, e o público que os adorava, como demonstração de respeito e admiração pelo seu alto valor, limitou-se a brincar exclusivamente nos intervalos dos actos. Durante a representação, animada, graciosa e brilhante como êles a sabiam fazer, nem a mais leve agitação que pudesse interrompê-los. Sómente depois de descer o pano, e após a unânime e calorosa salva de palmas com que a assistência manifestava o seu entusiasmo e aprêço, a febre da brincadeira voltava a apoderar-se dos espectadores.

Terminadas estas evocações da minha memória acêrca do carnaval doutras eras, resta-me relatar dois episódios a que o carnaval deu origem, e poderiam ter graves consequencias. Fá-lo-ei no próximo artigo.

(Continua)

Alfredo Gameiro.

CALISTA - PEDICURE

TRATAMENTO DE CALOS, CALOSIDADES E UNHAS ENCRAVADAS, ETC.

VAI AO DOMICILIO

Informações: Farmacia Figueiredo
C. AJUDA, 42 — TELEF. 81 489

J. F. DE ALMEIDA
Calçada da Ajuda, 2

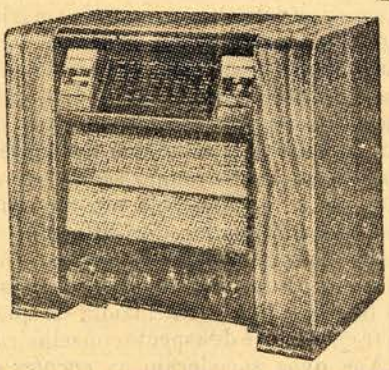
Bilhetes de visita desde 4$00 o cento
Bilhetes postais ilustrados desde $50
C. da Ajuda, 176 — Telef. 81757

MULLARD
RADIO

Um aparelho europeu de grande categoria

Todas as correntes
Todas as ondas

Excelente reprodução
Absoluta selectividade
Elegância e bom gosto



Peça uma demonstração em sua casa, que lhe será prestada sem qualquer encargo

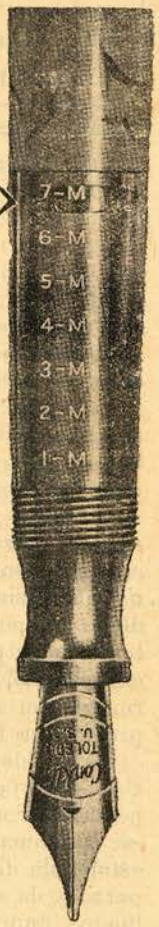
Vendas a pronto pagamento e a prestações na
Gráfica Ajudense, Ltd.
Calçada da Ajuda, 176
Telef. 81 757

VINAGRE RESINAS
GARANTIDO
ISENTO DE ANGUILULAS

VINAGRE ENGARRAFADO
só RESINAS

CONKLIN

A caneta preferida no mundo inteiro



CONKLIN

Por 5$00 e 7$50

semanais, com bónus, podereis obter uma excelente caneta com garantia eterna

Conklin
na
Gráfica Ajudense, L.da
C. da Ajuda, 176 - Telef. 81 757

VINAGRE "RESINAS"
O MELHOR DE TODOS

Produto garantido | Produto preferido
Produto indispensável | Produto barato

Empregue vinagre RESINAS à mêsa e empregue vinagre RESINAS na cosinha, porque defender-se-á das anguilulas que quási todos os vinagres contêem

PEÇA EM TODA A PARTE, OU A
FRANCISCO DUARTE RESINA
1, Travessa da Ferrugenta, 3
Telefone 81 551 LISBOA

AGENCIA MIGUEIS
FUNERAIS E TRASLADAÇÕES
Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA
TELEFONE 81 367

José Vicente d'Oliveira & C.a (F.o)
Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA
TELEFONE BELEM 81056

Antonio Duarte Resina

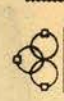
154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade a preços rasoaveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L^DA



PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: R. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE 81520

EU E O NÚMERO 9

Não sou supersticioso nem acredito em bruxedos ou crendices; mas têm-se dado tantas coincidencias com o número acima indicado, em diversos actos da minha vida, que me dá que cogitar, às vezes.

E à falta de melhor assunto, vou hoje referi-las, para entretenimento dos leitores. Ei-las:

Nasci numa pitoresca aldeia dos arredores de Lisboa, cujo nome se escreve com 9 letras, num dia 27, cujos números somados também dão 9.

Puzeram-me um nome que se compõe de 9 letras.

O meu registo de batismo (que eu também sou cristão, conquanto não pareça) realizou-se no dia 9 do mês seguinte áquele em que nasci, e foi o 9.º registo da minha freguesia, daquele recuado ano de 1878.

Fiquei orfão de pai aos 9 anos.

Meus pais tinham casado em 9 de Junho de 1874.

Fiz o examesito de ensino elementar — única prenda literária que possúo — em 9 de Julho de 1889.

Saí da minha aldeia para esta acolhedora freguesia da Ajuda, em 19 de Janeiro de 1890.

Quando me coube o sorteio militar, tirei da urna o número 9, o que foi motivo de grande regosijo para mim, porque êsse número isentou-me do serviço activo do exército, que nessa época era de três anos, isto é, o suficiente para alterar a vida a que me tinha dedicado.

Casei com uma mulher cujo nome próprio também se compõe, como o meu, de 9 letras.

O meu primeiro filho, nasceu a 18 — um e oito são 9, como sabem — e sepultou-se a 9.

O meu segundo filho — que por sinal é uma filha — e último (é conveniente acentuar, não ande por aí algum diabo à procura de pai), nasceu a 29.

O meu primeiro e único neto, nasceu num dia 9.

A minha casa de habitação tem o número 119.

O meu registo no Tribunal do Comércio fez-se num dia 9, e o meu bilhete de identidade, tirado em 9 de Janeiro de 1928, tem dois algarismos 9.

E hoje, dia 27, em que estas coisas vêm a luz da publicidade, completo 59 invernos, embora o meu bilhete de identidade, teime em afirmar que são 49 primaveras.

Jaime José II.

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília, é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE 81237

LISBOA

Clinica Dentária da Ajuda

C. da Ajuda, 183, 2.º-Esq.

Consultas das 10 ás 12 e das 14 ás 19 horas

Próthese em ouro e vulcanite pelos mais modernos processos

PREÇOS MÒDICOS

De Relance...

Sabe muita gente, que em virtude de antigas deliberações e mercês, vai muita agua das nascentes da Ajuda, para diversos edificios publicos e particulares desta freguesia e da de Belém; o que poucas pessoas sabem é que grande parte desse precioso líquido, que nos falta muitas vezes, vai directamente aos canos de esgôto, e consequentemente ao rio Tejo, sem que seja aproveitado em fins úteis, porque êsses edificios têm água da Companhia, canalisada e mais bem distribuida pelos locais em que é utilizada.

Se alguma dúvida nos oferecesse fazer tal afirmação, bastava-nos ver o estado de imundicie em que se encontra a caixa de limpeza (!) e distribuição n.º 8, existente na Rua do Coronel Pereira da Silva, por onde corre a água que vai para o quartel de infantaria 1, em quantidade aproximada a 7000 litros em cada 24 horas.

Devido à ferrugem e ao abandono a que a votaram, caiu, ha coisa de um mês, a porta de ferro, que a vedava, e agora vão ali os cães e o rapazio fazer chi-chi, e o mais que os leitores avaliarão.

Depois, não querem que tenhamos má lingua.

Fresina.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ▪ LISBOA ▪ Telefone 81 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.mos Srs. Drs.

Carrilho Xavier
Doenças das senhoras
Clinica geral e partos
ás 11 horas

Medina de Souza
Interno dos hospitais
das 18 ás 19,30 horas
Coração e pulmões — Clinica geral

VIRGINIA DE SOUSA

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa
Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

AS CHAPAS ONDULADAS

LUSALITE

são a solução dos telhados

Chapas lisas para tectos e divisorias — Tubagens e depósitos para água

PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

CORPORAÇÃO MERCANTIL PORTUGUESA, L.DA

Rua de S. Nicolau, 123 — LISBOA — Telefones: 23948 - 28941

O PROBLEMA DA ÁGUA

(Continuado da página 1)

mente cabidas, vou dar cumprimento a uma obrigação que me foi imposta pelo muito zêlo e boa vontade do grande amigo dêste periodico e meu, Sr. Francisco Duarte Resina.

Não lhe levo a mal tal *empurrão*, pois *estamos no mundo para nos auxiliarmos uns aos outros* e *promover o bem de todos*. Pertencemos a uma irmandade, eu e o meu amigo, a que aqueles enfatuados que constituem a sociedade *comme il faut* chama a dos *pobres diabos ou maduros;* os seus *olhos claros e penetrantes* lêm a cartilha por outro modo que lhes diz «*estamos no mundo para nos enganarmos uns aos outros detendo para nós a maior soma de gósos*».

Mas temos que nos consolar pensando que a religião — hoje tunica suave com que tanto figurão se procura encobrir, promete a êsses *pobres diabos, patetas e maduros*, estarem com a graça de Deus

Ia-me já esquecendo que tomei a pena para informar os leitores dêste modesto quinzenário o que nos disse a Companhia das Aguas pela bôca do seu ilustre engenheiro Matos, sobre o que tenciona fazer para abastecer da preciosa linfa a nossa freguesia.

Antes devo porém patentear a minha gratidão ao meu velho camarada e amigo, hoje empregado superior da Companhia, Patricio Xavier de Brito, camarada e amigo engenheiro chefe Monteiro de Barros, e ainda ao Ex.mo Engenheiro Matos, pela delicada atenção em nos atenderem e ouvirem.

Pensou realmente a Companhia em aproveitar provisóriamente o depósito do Palácio da Ajuda que comporta 249 metros cúbicos, situado no logar dos Telheiros na cota aproximada de 110 metros, para abastecer parte da freguesia, mas dificuldades de diversas ordens que se levantaram levaram a ser posta de parte essa ideia.

Resolveu-se então aproveitar desde já para abastecimento daquela area, o actual reservatório de Campo de Ourique, situado na cota de 90 metros.

Este reservatório pode abastecer a freguesia até ao largo da Ajuda cuja cota é de 85 metros. Terá naturalmente de ser estabelecida nova conduta com maior calibre pois a actual com os seus numerosos ramais sofre uma grande perda de carga. Este trabalho deve ficar concluido no presente ano, de maneira que para o verão já aquela parte da freguesia se encontre abastecida.

Ao mesmo tempo estuda a construção de um novo reservatório — não nos disse a sua capacidade, que certamente não deve ser inferior a 200.000 metros cubicos, previsto já na proposta do novo contrato com a Companhia das Aguas apresentado ao Parlamento em 1921, e que pela Comissão Parlamentar do Comércio e Indústria, foi aumentado para 400.000 metros cubicos, além da construção de três novos reservatórios, em ponto da Serra de Monsanto ainda por determinar, o qual abastecerá a parte restante da freguesia. Este reservatorio servirá o novo bairro económico da Ajuda. Não nos disse donde eram elevadas as águas para êste novo reservatório, detalhe que será fixado em momento oportuno.

Emquanto ao reservatório de Arcolena, êle continua com a sua missão especial, o de reserva e abastecimento da zona baixa ocidental, e só provisoriamente, por meio de bomba elevatória, abastece aquele bairro económico e o cemitério.

Estão duplicados todos os sifões do canal do Alviela, de modo a aproveitar toda a sua secção, que pode produzir um débito de 65.000 metros cubicos nas 24 horas. Para manter êste caudal na estação calmosa, aproveitam-se as águas de uns mananciaes de Alemquer e de uns poços profundos da região do Carregado.

Trabalha-se actualmente nas obras do canal do Tejo, para conduzir a Lisboa um suplemento de 80.000 metros cubicos por dia, previsto na 2.ª fase das obras marcadas no ultimo contrato, a qual terminou em 31 de Dezembro do ano passado.

Explicou que as obras previstas na 1.ª e 2.ª fases do contracto não poderam ser executadas nos prasos marcados, tendo de ser aproveitados outros mananciaes. Isto foi devido à parte técnica do referido contracto não ter sido da autoria da Companhia que estuda as obras a realizar, submetendo-as em seguida à aprovação do Governo.

Eis o que nos disse a Companhia; e é preciso com paciência evangélica irmos esperando pelos benefícios prometidos para o decurso dêste ano.

A Companhia além de abastecedora de águas é uma sociedade comercial que procura o lucro dos seus accionistas, o qual briga com o benefício da freguesia da Ajuda, pois que a Companhia vai abastecendo conforme lhe faculta, *com menos dispendio*, a situação dos seus actuais reservatórios.

Resta-me agora recordar algumas observações já feitas, cuja verdade o tempo se encarregou de provar e mostrar os alçapões do actual contracto.

Coronel A. Bivar de Sousa.

Relógio de ouro

PERDEU-SE, no sítio dos Pinheiros da Ajuda, na sexta-feira 19, das 12 às 16 horas.

Agradece-se a sua entrega nesta redacção, onde se dão alviçaras.

Planta topográfica

PERDEU-SE, entre os Telheiros da Ajuda e a Rua João Castilho.

Pede-se a quem a encontrou o favor de a entregar na C. da Ajuda, 176.